

Entre Métodos e Evidências: reflexões contemporâneas sobre a alfabetização escolar**Entre Métodos y Evidencias: Reflexiones Contemporáneas sobre la Alfabetización Escolar****Between Methods and Evidence: Contemporary Reflections on School Literacy**Roberta Mello Francatto¹, Maria Elsa Porta²

1-Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Cuyo, Argentina e Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Brasil; CIO e Pesquisadora independente da Alfabetizar- e.b.e.; Docente e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo – UNIMOGI- Mogi Guaçu. E-mail: roberta.mellfranc@gmail.com

2- Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Cuyo-UNCUYO, Argentina; Mestre em Ciências do Desenvolvimento Infantil pela University of California, Davis, USA. Professora Interina da cátedra Alfabetización na UNCUYO, Investigadora Independiente CONICET. E-mail: mariaelporta@yahoo.com.ar

Este artigo deriva da tese de doutorado *La alfabetización escolar en alumnos brasileños de 6 años: el espacio físico, metodológico y la formación de profesores*, defendida na Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina), cuja discussão é aqui revisitada e atualizada à luz dos avanços da Ciência Cognitiva da Leitura, da Neurociência e da alfabetização baseada em evidências.

RESUMO

Este artigo revisita criticamente uma pesquisa de doutorado de natureza teórico-empírica, desenvolvida com 343 escolares brasileiros acompanhados em dois momentos distintos do processo de alfabetização, e estabelece um diálogo entre seus resultados e os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura, da Neurociência e da alfabetização baseada em evidências. O objetivo foi analisar a evolução das metodologias de alfabetização, discutindo seus fundamentos, as contribuições das diferentes abordagens para o ensino da leitura e da escrita e sua interlocução com as evidências científicas contemporâneas. A análise demonstra que o debate sobre alfabetização deve superar a polarização entre métodos e fundamentar as práticas pedagógicas nas melhores evidências científicas atualmente disponíveis. Conclui-se que a alfabetização baseada em evidências não representa a adoção de um método específico, mas uma perspectiva científica que integra diferentes referenciais para qualificar a formação docente e favorecer práticas pedagógicas intencionais, sistemáticas e fundamentadas no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Ciência Cognitiva da Leitura; Alfabetização Baseada em Evidências; Formação de Professores; Consciência Fonológica.

ABSTRACT

This article critically revisits a doctoral research study of a theoretical-empirical nature, conducted with more than 343 Brazilian schoolchildren who were assessed at two distinct stages of the literacy process. It establishes a dialogue between the study's findings and the advances in the Science of Reading, Cognitive Neuroscience, and evidence-based literacy. The objective was to analyze the evolution of literacy methodologies by examining their theoretical foundations, their contributions to reading and writing instruction, and their relationship with contemporary scientific evidence. The discussion highlights that the debate on literacy should move beyond the polarization between teaching methods, acknowledging the historical contributions of the Psychogenesis of Written Language to the understanding of child development while simultaneously incorporating evidence that supports explicit, systematic, and intentional pedagogical practices, particularly in teaching the alphabetic principle and phonological awareness. The findings indicate that evidence-based literacy does not advocate a single instructional method but rather represents a scientific perspective that integrates different theoretical frameworks to strengthen teacher education and promote pedagogical practices grounded in scientific evidence.

Keywords: Literacy; Science of Reading; Evidence-Based Literacy; Teacher Education; Phonological Awareness.

RESUMEN

Este artículo revisita críticamente una investigación doctoral de naturaleza teórico-empírica, desarrollada con 343 estudiantes brasileños evaluados en dos momentos del proceso de alfabetización, estableciendo un diálogo entre sus resultados y los avances de la Ciencia Cognitiva de la Lectura, la Neurociencia y la alfabetización basada en evidencias. El objetivo fue analizar la evolución de las metodologías de alfabetización a la luz de las evidencias científicas contemporáneas. Los resultados muestran que el debate sobre la alfabetización debe superar la polarización entre métodos, integrando las contribuciones históricas sobre el desarrollo infantil con las investigaciones que respaldan prácticas pedagógicas explícitas, sistemáticas e intencionales, especialmente en la enseñanza del principio alfabético y el desarrollo de la conciencia fonológica. Se concluye que la alfabetización basada en evidencias no implica la adopción de un método único, sino una perspectiva científica que articula diferentes marcos teóricos para fortalecer la formación docente y orientar prácticas pedagógicas fundamentadas en el conocimiento científico. En este sentido, alfabetizar significa transformar las evidencias científicas en oportunidades reales de aprendizaje, garantizando una enseñanza de la lectura y la escritura intencional, contextualizada y comprometida con una educación de calidad para todos los niños.

Palabras clave: Alfabetización; Ciencia Cognitiva de la Lectura; Alfabetización Basada en Evidencias; Formación Docente; Conciencia Fonológica.

• INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, a alfabetização consolidou-se como um dos temas centrais das pesquisas em Educação. As transformações nas políticas públicas, os avanços dos estudos sobre aprendizagem da leitura e da escrita e a crescente aproximação entre Educação, Linguística, Psicologia Cognitiva e Neurociência ampliaram significativamente a compreensão dos processos envolvidos na alfabetização. Nesse contexto, o debate metodológico deixou de restringir-se à escolha entre diferentes métodos de ensino para concentrar-se, cada vez mais, na qualidade das evidências que fundamentam as práticas pedagógicas.

Durante grande parte da história da educação, as discussões sobre alfabetização estiveram centradas na defesa de métodos considerados mais adequados para o ensino da leitura e da escrita. Métodos sintéticos, analíticos e, posteriormente, as contribuições da Psicogênese da Língua Escrita influenciaram diferentes gerações de professores, orientaram políticas públicas e marcaram profundamente a organização das práticas pedagógicas. Cada uma dessas abordagens representou avanços importantes ao responder aos conhecimentos científicos e às concepções de aprendizagem predominantes em seu tempo.

Entretanto, os avanços produzidos pela Ciência Cognitiva da Leitura, pela Neurociência da Aprendizagem e pelas pesquisas sobre consciência fonológica ampliaram significativamente esse debate. Mais do que discutir qual método deve ser adotado, as investigações contemporâneas passaram a buscar evidências sobre como as crianças aprendem a ler, quais habilidades sustentam esse processo e quais práticas pedagógicas favorecem seu desenvolvimento de maneira mais consistente.

Antes mesmo da consolidação desse movimento internacional em favor da alfabetização baseada em evidências, algumas reflexões já apontavam para a necessidade de compreender criticamente os fundamentos das metodologias utilizadas no processo de ensino da leitura e da escrita. Na pesquisa doutoral que originou este artigo defendia-se que:

"Conhecer um método, proposta ou estratégia pedagógica, antes de qualquer coisa, é, para o educador, a base do conhecimento de seus fundamentos para as ações pedagógicas que levará a cabo com seus alunos. É nesse conhecimento que buscará recursos e estratégias capazes de favorecer o processo de aprendizagem da criança."

(MELLO FRANCATTO, 2013).

Mais de uma década após essa afirmação, seu princípio permanece atual. O avanço das pesquisas não reduziu a importância dos métodos de alfabetização; ao contrário, evidenciou que qualquer prática pedagógica somente pode ser compreendida a partir dos pressupostos científicos que a sustentam. As evidências acumuladas nas últimas décadas permitiram distinguir, com maior precisão, as teorias que explicam o desenvolvimento da aprendizagem das estratégias pedagógicas que favorecem sua efetiva consolidação.

Essa perspectiva não invalida as contribuições históricas da Psicogênese da Língua Escrita nem dos diferentes métodos de alfabetização. Ao contrário, possibilita reinterpretá-los à luz do conhecimento científico contemporâneo. Enquanto as teorias do desenvolvimento explicam como a criança constrói conhecimentos sobre a linguagem escrita, as pesquisas sobre instrução investigam quais intervenções pedagógicas potencializam esse processo. Trata-se de dimensões complementares, e não excludentes, da pesquisa educacional.

Diferentemente de um ensaio exclusivamente teórico, este artigo estabelece um diálogo entre os resultados de uma pesquisa doutoral desenvolvida com 343 escolares brasileiros, acompanhados em dois momentos distintos do processo de alfabetização, e os avanços produzidos pela Ciência Cognitiva da Leitura, pela Psicologia Cognitiva e pela Neurociência. O propósito não é apenas atualizar conceitos, mas reinterpretar os resultados da investigação original à luz das

evidências atualmente disponíveis, identificando permanências, avanços e novos desafios para a alfabetização escolar.

Nesse sentido, o estudo tem como objetivo analisar criticamente a evolução das metodologias de alfabetização, discutindo seus fundamentos epistemológicos, suas contribuições para o ensino da leitura e da escrita e sua interlocução com as evidências científicas contemporâneas. Parte-se do pressuposto de que a qualidade da alfabetização não depende da adoção isolada de um método, mas da capacidade do professor de compreender criticamente os fundamentos que orientam sua prática e transformá-los em intervenções pedagógicas intencionais, sistemáticas e contextualizadas.

A principal contribuição desta reflexão consiste em demonstrar que a evolução da ciência não invalida os conhecimentos produzidos anteriormente; ela amplia sua compreensão, redefine seus limites de aplicação e possibilita integrar diferentes referenciais teóricos em uma perspectiva mais abrangente da alfabetização. Assim, teorias que explicam o desenvolvimento infantil e pesquisas que investigam práticas de ensino deixam de ocupar posições antagônicas para constituírem conhecimentos complementares, orientados por um objetivo comum: favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita de todas as crianças.

Desse modo, defende-se que a alfabetização baseada em evidências não corresponde à defesa irrestrita de um único método, mas ao compromisso de aproximar a produção científica da prática pedagógica. Isso pressupõe formar professores capazes de interpretar criticamente as evidências disponíveis, compreender seus fundamentos e transformá-las em intervenções pedagógicas conscientes, sistemáticas e contextualizadas. Em última análise, alfabetizar significa transformar o conhecimento científico em oportunidades reais de aprendizagem, assegurando a todas as crianças o direito de aprender a ler e a escrever com qualidade.

- **Métodos de alfabetização: fundamentos conceituais e evolução histórica**

As discussões acerca da alfabetização frequentemente são marcadas por posicionamentos divergentes em relação às metodologias de ensino da leitura e da escrita. Em muitos momentos, o debate educacional foi reduzido à defesa de determinados métodos, produzindo interpretações dicotômicas que pouco contribuíram para a compreensão da complexidade do processo de alfabetização. Entretanto, antes de analisar as diferentes abordagens metodológicas, torna-se indispensável esclarecer alguns conceitos que constituem o alicerce dessa discussão.

Os termos método, proposta pedagógica, teoria e intervenção são frequentemente empregados como sinônimos, embora representem dimensões distintas do processo educativo. Essa distinção não possui apenas importância conceitual; ela influencia diretamente a forma como professores compreendem, selecionam e implementam suas práticas pedagógicas.

Etimologicamente, a palavra método origina-se do grego *methodos*, resultado da união entre *meta* (em direção a, através de) e *hodos* (caminho), remetendo à ideia de percurso organizado para alcançar determinado objetivo. No contexto educacional, método pode ser compreendido como um conjunto sistemático de procedimentos didáticos planejados para favorecer a aprendizagem.

Conforme discutido na pesquisa doutoral que fundamenta este estudo, a compreensão tradicional de método esteve, durante muitos anos, associada a uma sequência rígida e previamente estabelecida de etapas, cuja aplicação deveria ocorrer de maneira uniforme, independentemente das características dos estudantes ou dos diferentes contextos escolares. Essa concepção pressupunha que todos os alunos aprenderiam por meio do mesmo percurso, reduzindo significativamente a autonomia docente e a possibilidade de adequação das práticas pedagógicas às necessidades individuais de aprendizagem (Mello Francatto, 2013).

Entretanto, compreender método apenas como uma sequência fixa de procedimentos revela-se insuficiente diante dos conhecimentos atualmente produzidos sobre aprendizagem e desenvolvimento humano. Sob uma perspectiva contemporânea, o método deve ser entendido como uma organização intencional de estratégias didáticas fundamentadas em princípios científicos, objetivos educacionais claramente definidos e permanente articulação entre teoria e prática. Nessa perspectiva, o planejamento pedagógico deixa de representar uma simples aplicação de técnicas para constituir uma ação reflexiva, contextualizada e orientada pelas necessidades reais dos estudantes.

Diferentemente do método, a proposta pedagógica caracteriza-se por apresentar maior flexibilidade na organização das situações de aprendizagem. Embora mantenha objetivos e fundamentos teóricos consistentes, permite que o professor reorganize estratégias, recursos e intervenções de acordo com as especificidades da turma, respeitando aspectos cognitivos, linguísticos, culturais e sociais que influenciam o processo de alfabetização. Como destaca Lerner (2002), essa flexibilidade não representa ausência de planejamento, mas a capacidade de adaptar princípios pedagógicos às diferentes realidades educativas.

Outra distinção necessária refere-se à relação entre teoria e método. Enquanto as teorias psicológicas e linguísticas procuram explicar como ocorre a aprendizagem, os métodos constituem formas organizadas de transformar esses conhecimentos em práticas educativas. Assim, uma teoria científica não corresponde, por si só, a um método de alfabetização; ela oferece fundamentos que orientam a elaboração de propostas didáticas coerentes com determinadas concepções de desenvolvimento e aprendizagem.

Por fim, destaca-se o conceito de intervenção pedagógica, amplamente utilizado nas pesquisas contemporâneas sobre alfabetização.

Diferentemente do método, a intervenção consiste na implementação sistemática de estratégias específicas destinadas ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas relacionadas à aprendizagem da leitura e da escrita. Entre elas, sobressaem os programas voltados ao desenvolvimento da consciência fonológica, cuja eficácia tem sido amplamente demonstrada por pesquisas nacionais e internacionais como importante facilitadora da aquisição do princípio alfabético.

Essa diferenciação conceitual evidencia que as discussões sobre alfabetização ultrapassam a simples escolha entre métodos de ensino. Elas envolvem a compreensão dos fundamentos científicos que sustentam as práticas pedagógicas e reforçam a necessidade de que o professor alfabetizador desenvolva uma atuação crítica, reflexiva e permanentemente fundamentada em evidências científicas.

- **Por que os métodos de alfabetização continuam em debate?**

Ao longo da história da educação, poucas temáticas suscitaram debates tão intensos quanto às metodologias de alfabetização. Em diferentes períodos históricos, distintas abordagens ocuparam posição de destaque nas políticas públicas, nos currículos de formação docente e nas práticas desenvolvidas em sala de aula. Frequentemente, essas mudanças foram acompanhadas pela expectativa de que a adoção de um novo método seria suficiente para superar as dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura e da escrita.

A experiência educacional acumulada nas últimas décadas, aliada ao expressivo avanço das pesquisas em Psicologia Cognitiva, Neurociência e Ciência Cognitiva da Leitura, demonstra que a alfabetização constitui um processo complexo, influenciado por múltiplos fatores linguísticos, cognitivos, pedagógicos e socioculturais. Entretanto, reconhecer essa complexidade não significa admitir que todas as metodologias produzam resultados equivalentes. Ao contrário, as evidências científicas contemporâneas têm demonstrado que abordagens que promovem o ensino explícito do princípio alfabético, associado ao desenvolvimento sistemático da consciência fonológica, apresentam resultados mais consistentes para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Nesse contexto, o método fônico, quando fundamentado em evidências e articulado a práticas pedagógicas significativas, consolida-se como uma das abordagens que reúne maior respaldo científico para a alfabetização escolar.

Essa evolução do conhecimento permite compreender por que diferentes metodologias coexistiram ao longo da história da alfabetização. Cada uma delas representou determinada concepção de aprendizagem e respondeu aos conhecimentos científicos disponíveis em seu tempo.

Contudo, o avanço das pesquisas sobre aquisição da leitura e da escrita possibilitou avaliar, com maior rigor metodológico, a efetividade dessas abordagens, produzindo um conjunto de evidências que atualmente orienta de forma mais consistente as práticas alfabetizadoras e a formação de professores.

Nessa perspectiva, os métodos de alfabetização deixam de ser compreendidos apenas como procedimentos didáticos e passam a ser reconhecidos como expressões de diferentes concepções sobre linguagem, aprendizagem, desenvolvimento humano e ensino. Cada proposta metodológica carrega pressupostos epistemológicos próprios que influenciam tanto a organização do trabalho pedagógico quanto a maneira como o professor compreende o processo de construção da leitura e da escrita.

Durante muitos anos, o debate educacional concentrou-se na contraposição entre métodos sintéticos e métodos analíticos, frequentemente apresentados como perspectivas excludentes. Essa polarização exerceu forte influência sobre a formação inicial de professores, a elaboração de materiais didáticos e a formulação de políticas públicas em diversos países, inclusive no Brasil. Entretanto, a consolidação das pesquisas na área da Ciência Cognitiva da Leitura deslocou o foco da discussão. Mais do que defender determinado método, tornou-se essencial compreender quais componentes da alfabetização apresentam respaldo empírico e de que forma esses conhecimentos podem contribuir para qualificar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

Assim, o debate contemporâneo sobre alfabetização não se limita à escolha entre diferentes métodos de ensino. Ele pressupõe a integração entre fundamentos teóricos, evidências científicas e prática pedagógica, reconhecendo que o sucesso da alfabetização depende da capacidade do professor de realizar intervenções intencionais, sistemáticas e fundamentadas no conhecimento científico disponível. Sob essa perspectiva, revisitar a trajetória histórica das metodologias de alfabetização torna-se indispensável para compreender como esse campo evoluiu e por que determinadas abordagens passaram a receber maior sustentação científica ao longo das últimas décadas.

- **As primeiras sistematizações do ensino da leitura: os métodos sintéticos**

Historicamente, as primeiras metodologias sistematizadas de alfabetização organizaram o ensino da leitura e da escrita a partir das menores unidades da língua, sendo posteriormente denominados métodos sintéticos. Essas abordagens partiam do princípio de que o domínio gradual de letras, fonemas ou sílabas constituía condição essencial para a aprendizagem da leitura, evoluindo progressivamente para palavras, frases e textos.

Entre os métodos sintéticos destacam-se o método alfabético, centrado na aprendizagem do nome das letras e na prática do letramento; o método silábico, que organizava o ensino por meio da memorização das famílias silábicas; e o método fônico, fundamentado na correspondência entre fonemas e grafemas e na compreensão do princípio alfabético.

Embora os métodos alfabético e silábico tenham desempenhado papel importante na consolidação da alfabetização escolar, apresentavam limitações relacionadas, sobretudo, ao predomínio da memorização e à reduzida articulação entre decodificação e compreensão leitora.

O método fônico, por sua vez, representa uma evolução dentro dessa tradição sintética ao priorizar o ensino explícito das relações entre os sons da fala e sua representação gráfica. Nas últimas décadas, essa abordagem passou a receber amplo respaldo das pesquisas em Psicologia Cognitiva, Linguística, Neurociência e Ciência Cognitiva da Leitura, que evidenciam a importância da instrução sistemática das correspondências grafema-fonema e do desenvolvimento da consciência fonológica para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Assim, a permanência do método fônico nas discussões contemporâneas não decorre da retomada de uma prática tradicional, mas do fortalecimento de evidências científicas que sustentam sua eficácia como componente estruturante da alfabetização inicial.

- **Da compreensão do significado às práticas construtivistas: os métodos analíticos**

Em contraposição aos métodos sintéticos, as abordagens analíticas passaram a defender que a aprendizagem da leitura deveria iniciar por unidades linguísticas dotadas de significado, como palavras, frases ou textos, para, posteriormente, conduzir o estudante à compreensão de seus elementos constituintes. Essa perspectiva deslocou o foco do ensino da simples decodificação para a construção de significados, atribuindo maior protagonismo ao aprendiz durante o processo de alfabetização.

Entre as principais propostas inseridas nessa abordagem destacam-se o método global, o método da palavra geradora e, posteriormente, a proposta psicogenética desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. Embora apresentem diferenças em seus fundamentos teóricos, essas metodologias compartilham a compreensão de que a criança participa ativamente da construção do conhecimento e que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre mediante sucessivas reorganizações cognitivas produzidas pela interação com a linguagem escrita.

A partir da década de 1980, essas concepções exerceram profunda influência sobre a alfabetização brasileira, especialmente na formação inicial de professores e na elaboração de documentos curriculares. O construtivismo passou a representar uma importante ruptura com práticas centradas exclusivamente na memorização e na repetição, valorizando os conhecimentos prévios da criança, a função social da escrita e a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem.

As contribuições dessa perspectiva para a compreensão do desenvolvimento infantil são inegáveis e transformaram significativamente a prática pedagógica ao reconhecer que a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita antes mesmo do ingresso na escolarização formal. Entretanto, o avanço das pesquisas nas áreas da Psicologia Cognitiva, da Linguística e da Ciência Cognitiva da Leitura permitiu distinguir dois aspectos que, durante muitos anos, foram tratados como indissociáveis: compreender como a criança constrói conhecimentos sobre a escrita e definir quais estratégias de ensino favorecem, de forma mais eficaz, sua aprendizagem.

As contribuições da Psicogênese da Língua Escrita permanecem fundamentais para compreender como a criança elabora hipóteses e constrói conhecimentos acerca do sistema de escrita ao longo do desenvolvimento. Entretanto, os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura ampliaram essa compreensão ao demonstrar que conhecer os processos de aprendizagem não equivale, necessariamente, a definir as estratégias de ensino mais eficazes. As evidências produzidas nas últimas décadas indicam que, embora a construção de hipóteses seja parte do desenvolvimento infantil, a aprendizagem das relações entre fonemas e grafemas é favorecida por práticas pedagógicas explícitas, sistemáticas e intencionalmente planejadas, especialmente nos anos iniciais da escolarização.

- **A formação docente e as escolhas metodológicas na alfabetização**

As discussões sobre metodologias de alfabetização não podem ser dissociadas da formação inicial dos professores. Independentemente da abordagem pedagógica adotada, é durante a graduação que o futuro docente constrói os referenciais teóricos que orientarão sua prática profissional, desenvolvendo concepções acerca da aprendizagem, da linguagem e das estratégias de ensino que acompanharão sua atuação ao longo da carreira.

Na pesquisa doutoral que fundamenta este artigo, a análise dos currículos dos cursos de formação de professores evidenciou que as concepções metodológicas predominantes na alfabetização brasileira influenciaram diretamente a organização da formação inicial docente. Durante décadas, a proposta construtivista ocupou posição central na preparação dos professores alfabetizadores, repercutindo tanto na seleção dos conteúdos curriculares quanto na organização das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

Essa constatação não representa uma crítica à importância histórica do construtivismo para a educação brasileira. Ao contrário, reconhece sua contribuição para a compreensão da aprendizagem infantil, da função social da linguagem escrita e do papel ativo da criança na construção do conhecimento. Entretanto, evidencia a necessidade de ampliar a formação docente à medida que novos conhecimentos científicos passam a integrar o campo da alfabetização.

Nesse contexto, a formação do professor alfabetizador assume papel estratégico. Mais do que conhecer diferentes métodos de ensino, torna-se indispensável compreender os fundamentos científicos que sustentam cada abordagem, analisando criticamente suas potencialidades, seus limites e as evidências disponíveis acerca de sua efetividade. Essa perspectiva fortalece a autonomia docente, permitindo que as escolhas pedagógicas deixem de fundamentar-se exclusivamente em tradições metodológicas ou orientações institucionais e passem a apoiar-se, cada vez mais, na produção científica contemporânea.

Os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura, da Psicologia Cognitiva e da Neurociência reforçam essa necessidade ao demonstrarem que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve processos cognitivos específicos que podem ser favorecidos por intervenções pedagógicas explicitamente planejadas. Nesse cenário, a formação inicial e continuada dos professores passa a constituir um dos principais fatores para a implementação de práticas alfabetizadoras baseadas em evidências.

Assim, mais do que discutir qual método deve ser adotado, o desafio contemporâneo consiste em preparar professores capazes de compreender criticamente as diferentes concepções de alfabetização, interpretar as evidências científicas disponíveis e transformar esse conhecimento em práticas pedagógicas intencionais, sistemáticas e comprometidas com a aprendizagem de todas as crianças.

- **A evolução das evidências científicas e os novos paradigmas da alfabetização**

Durante grande parte do século XX, os debates sobre alfabetização foram conduzidos predominantemente a partir de diferentes concepções pedagógicas e psicológicas acerca da aprendizagem da leitura e da escrita. As discussões concentravam-se, sobretudo, na escolha das metodologias de ensino consideradas mais adequadas para favorecer o processo de alfabetização. Nas últimas décadas, entretanto, esse cenário foi significativamente ampliado pelo desenvolvimento de pesquisas provenientes da Psicologia Cognitiva, da Neurociência, da Linguística e da Ciência Cognitiva da Leitura, que passaram a investigar não apenas como ensinar, mas também como o cérebro aprende a ler.

Esse movimento representou uma importante mudança de paradigma. O foco do debate deixou de restringir-se à comparação entre diferentes métodos de alfabetização e passou a incorporar evidências científicas produzidas por estudos experimentais, longitudinais e revisões sistemáticas. Mais do que identificar qual metodologia deveria ser adotada, a pesquisa contemporânea passou a investigar quais componentes da aprendizagem da leitura apresentam maior sustentação empírica e quais práticas pedagógicas favorecem seu desenvolvimento.

Nesse contexto, a Neurociência Cognitiva da Leitura contribuiu de maneira decisiva para ampliar a compreensão sobre os processos envolvidos na alfabetização. Conforme explica Dehaene (2012), a leitura não constitui uma habilidade biologicamente programada no cérebro humano, mas uma invenção cultural relativamente recente que depende da reorganização de circuitos neurais originalmente destinados ao reconhecimento visual, à linguagem oral e à atenção. Essa compreensão reforça a ideia de que aprender a ler não representa um processo espontâneo, exigindo experiências pedagógicas intencionalmente planejadas e ensino sistemático durante os anos iniciais da escolarização.

Na mesma direção, Wolf (2019) destaca que o cérebro leitor é progressivamente construído por meio das experiências de aprendizagem, envolvendo a integração de diferentes sistemas neurais responsáveis pelo processamento visual, pela linguagem, pela memória e pelas funções executivas.

Essa perspectiva evidencia que o desenvolvimento da leitura resulta da interação entre fatores biológicos, cognitivos, linguísticos e educacionais, reafirmando o papel essencial da escola na organização de experiências de aprendizagem capazes de favorecer esse desenvolvimento.

Os estudos de Ehri (2005) acrescentam importante contribuição ao demonstrar que a consolidação das correspondências entre fonemas e grafemas constitui um dos principais marcos da alfabetização. Segundo a autora, o reconhecimento automático das palavras escritas depende da aprendizagem explícita dessas relações, favorecendo o desenvolvimento da fluência leitora e, consequentemente, da compreensão textual. Tais evidências dialogam diretamente com os resultados produzidos nas pesquisas sobre consciência fonológica e fortalecem a importância do ensino sistemático do princípio alfabético durante a alfabetização inicial.

Esses avanços científicos não invalidam as contribuições históricas das teorias que marcaram a evolução da alfabetização. Ao contrário, ampliam sua compreensão e permitem delimitar, com maior precisão, o alcance de cada perspectiva teórica. A Psicogênese da Língua Escrita permanece como uma referência fundamental para compreender como a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita e participa ativamente da construção do conhecimento. Entretanto, os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura demonstram que explicar os processos de aprendizagem não corresponde, necessariamente, a definir as estratégias de ensino mais eficazes para promovê-los.

Sob essa perspectiva, compreender o desenvolvimento infantil e compreender a instrução constituem dimensões complementares da pesquisa educacional. Enquanto as teorias do desenvolvimento explicam como o conhecimento é construído, as pesquisas sobre instrução investigam quais práticas pedagógicas favorecem, de forma mais eficiente, essa aprendizagem. Essa distinção representa uma das principais contribuições das evidências científicas contemporâneas para o campo da alfabetização e permite superar antigas polarizações entre métodos de ensino.

A evolução da ciência não invalida os conhecimentos que a antecederam; ao contrário, amplia sua compreensão e redefine seus limites de aplicação. Assim, o debate contemporâneo sobre alfabetização desloca-se da defesa de métodos isolados para a construção de práticas pedagógicas fundamentadas em evidências científicas, capazes de integrar diferentes contribuições teóricas em benefício da aprendizagem da leitura e da escrita.

É justamente nesse ponto que a presente investigação estabelece seu diálogo com a produção científica contemporânea. Os resultados obtidos na pesquisa doutoral das autoras, desenvolvida com 343 escolares brasileiros acompanhados em dois momentos distintos do processo de alfabetização, já indicavam a necessidade de compreender criticamente os fundamentos das metodologias de ensino e sua relação com a aprendizagem da leitura. À luz das evidências produzidas

na última década, tais resultados revelam-se ainda mais atuais, reafirmando que a formação do professor alfabetizador e a adoção de práticas pedagógicas fundamentadas em evidências constituem elementos centrais para a promoção de uma alfabetização de qualidade.

- **DISCUSSÕES**

A alfabetização constitui um dos processos mais complexos da educação básica por envolver dimensões cognitivas, linguísticas, pedagógicas, sociais e culturais que se desenvolvem de forma integrada durante os primeiros anos da escolarização. Essa complexidade explica por que, ao longo da história, diferentes metodologias buscaram responder aos desafios do ensino da leitura e da escrita, cada uma delas fundamentada em concepções específicas sobre o desenvolvimento humano e sobre os processos de aprendizagem.

Os resultados da pesquisa doutoral que fundamenta este artigo evidenciaram que a discussão sobre métodos de alfabetização não pode ser reduzida à oposição entre diferentes propostas pedagógicas. Ao contrário, demonstraram que a efetividade das práticas alfabetizadoras depende, sobretudo, da compreensão que o professor possui acerca dos fundamentos científicos que sustentam sua atuação. Essa constatação permanece atual e ganha ainda maior relevância diante do expressivo avanço das pesquisas produzidas nas últimas décadas.

À luz dessas evidências, o principal deslocamento observado no campo da alfabetização não consiste na substituição de uma teoria por outra, mas na ampliação do conhecimento científico disponível para compreender o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. As contribuições da Psicogênese da Língua Escrita permanecem fundamentais para explicar como a criança constrói hipóteses sobre o sistema de escrita e participa ativamente da construção do conhecimento. Entretanto, os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura permitiram compreender, com maior precisão, quais componentes da alfabetização podem ser favorecidos por práticas pedagógicas explícitas, sistemáticas e fundamentadas em evidências.

Essa distinção representa uma importante contribuição para o debate contemporâneo pois aos explicar como a criança aprende e investigar quais estratégias favorecem essa aprendizagem constituem questões científicas complementares, porém distintas. Enquanto as teorias do desenvolvimento ampliam a compreensão dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem, as pesquisas sobre instrução oferecem subsídios para a organização de práticas pedagógicas mais consistentes, capazes de favorecer a apropriação do sistema alfabético de escrita por um número cada vez maior de estudantes.

Nessa direção, as contribuições da Psicogênese da Língua Escrita permanecem fundamentais para compreender o desenvolvimento da escrita infantil, especialmente por evidenciarem que a

criança participa ativamente da construção do conhecimento e elabora hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita antes mesmo da escolarização formal. Essa perspectiva representou uma importante ruptura com concepções que compreendiam o estudante como mero receptor de informações, modificando profundamente a forma de pensar a alfabetização.

Os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura ampliaram essa compreensão ao demonstrar que conhecer os processos de aprendizagem não equivale, necessariamente, a definir as estratégias de ensino mais eficazes. Em outras palavras, compreender o desenvolvimento da aprendizagem e compreender a instrução constituem dimensões complementares, porém distintas, da pesquisa educacional.

As evidências produzidas nas últimas décadas indicam que a aprendizagem das relações entre fonemas e grafemas é favorecida por práticas pedagógicas explícitas, sistemáticas e intencionalmente planejada, particularmente nos anos iniciais da escolarização. Tal compreensão não invalida as contribuições da Psicogênese da Língua Escrita; ao contrário, amplia seu alcance ao integrar o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil às evidências atualmente disponíveis acerca das práticas de ensino mais eficazes para a alfabetização registrada pelo método fônico.

Essa compreensão permite superar uma polarização que, durante muitos anos, marcou o debate educacional. A oposição entre métodos sintéticos e analíticos, frequentemente apresentada como uma escolha excludente cede lugar a uma perspectiva mais abrangente, na qual diferentes contribuições teóricas passam a ser compreendidas de forma integrada. O foco desloca-se da defesa de métodos isolados para a análise dos componentes da alfabetização que apresentam respaldo científico consistente e podem ser incorporados às práticas pedagógicas.

Sob essa ótica, os resultados da pesquisa doutoral desenvolvida pela autora, envolvendo os 343 escolares brasileiros acompanhados em dois momentos distintos do processo de alfabetização, revelam-se particularmente relevantes. A investigação já apontava para a necessidade de que as escolhas metodológicas estivessem fundamentadas no conhecimento científico e na compreensão dos processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita. Passados mais de dez anos, observa-se que os avanços da Ciência Cognitiva da Leitura reforçam essa conclusão, oferecendo novas evidências para sustentar a importância do ensino explícito do princípio alfabético, do desenvolvimento da consciência fonológica e da formação qualificada do professor alfabetizador.

A principal contribuição desta reflexão consiste justamente em evidenciar que a evolução da ciência não invalida os conhecimentos produzidos anteriormente; ela amplia sua compreensão, redefine seus limites de aplicação e possibilita integrar diferentes referenciais teóricos em uma perspectiva mais abrangente da alfabetização. Assim, teorias que explicam o desenvolvimento infantil e pesquisas que investigam práticas de ensino deixam de ocupar posições antagônicas para

constituírem conhecimentos complementares, orientados por um objetivo comum: favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita de todas as crianças.

Desse modo, a alfabetização baseada em evidências não deve ser compreendida como a defesa irrestrita de um único método, mas como o compromisso científico de aproximar a produção do conhecimento da prática pedagógica. Isso pressupõe formar professores capazes de interpretar criticamente as evidências disponíveis, compreender seus fundamentos e transformá-las em intervenções pedagógicas conscientes, sistemáticas e contextualizadas. Em última análise, alfabetizar constitui um ato pedagógico intencional, fundamentado no conhecimento sobre como as crianças aprendem e sobre as práticas de ensino que, à luz das evidências científicas, favorecem de maneira mais efetiva o desenvolvimento da leitura e da escrita.

- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões desenvolvidas neste artigo evidenciam que a compreensão da alfabetização evoluiu significativamente nas últimas décadas, impulsionada pela ampliação do conhecimento científico acerca dos processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita. Esse percurso histórico demonstra que os diferentes métodos de alfabetização contribuíram, em distintos momentos, para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, refletindo as concepções de aprendizagem predominantes em cada contexto educacional.

Ao revisitar a pesquisa doutoral que fundamenta este estudo, observa-se que muitas das questões investigadas permanecem atuais, especialmente aquelas relacionadas à formação do professor alfabetizador, à necessidade de compreender criticamente os fundamentos das metodologias de ensino e à importância de fundamentar as escolhas pedagógicas em conhecimentos científicos consistentes. Entretanto, os avanços produzidos pela Ciência Cognitiva da Leitura, pela Psicologia Cognitiva e pela Neurociência permitiram ampliar essa discussão, oferecendo novas evidências acerca dos componentes essenciais para a alfabetização inicial e ratificando os resultados obtidos na pesquisa doutoral.

Nesse cenário, torna-se possível compreender que o debate contemporâneo sobre alfabetização não deve restringir-se à defesa de métodos isolados nem à substituição de uma abordagem por outra. A principal contribuição das evidências científicas consiste em possibilitar a integração entre diferentes referenciais teóricos, distinguindo, com maior precisão, as teorias que explicam o desenvolvimento da aprendizagem daquelas que investigam as práticas de ensino mais eficazes para promovê-la.

A presente reflexão reafirma que compreender como a criança aprende e compreender como ensinar constituem dimensões indissociáveis da prática pedagógica. A primeira oferece fundamentos para interpretar os processos de desenvolvimento; a segunda orienta a organização de intervenções pedagógicas capazes de favorecer, de maneira sistemática e intencional, a apropriação da leitura e da escrita. Longe de serem perspectivas antagônicas, representam conhecimentos complementares que, articulados, ampliam as possibilidades de uma alfabetização mais qualificada.

Os resultados da pesquisa desenvolvida pelas autoras, envolvendo 343 escolares brasileiros acompanhados em dois momentos distintos do processo de alfabetização, reforçam essa compreensão ao evidenciar que as escolhas metodológicas precisam estar sustentadas por fundamentos científicos e por uma formação docente consistente. À luz das evidências atualmente disponíveis, observa-se que práticas que contemplam o ensino explícito do princípio alfabético, associado ao desenvolvimento da consciência fonológica e à intencionalidade pedagógica do professor, apresentam importante respaldo para favorecer a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Mais do que defender determinado método, este artigo propõe uma reflexão sobre a responsabilidade científica que envolve o ato de alfabetizar. A produção de conhecimento na área da Educação exige permanente diálogo entre teoria, pesquisa e prática pedagógica, permitindo que as decisões tomadas no cotidiano escolar sejam progressivamente qualificadas pelas evidências produzidas pela comunidade científica.

Conclui-se, portanto, que alfabetizar não significa escolher entre métodos concorrentes, mas compreender criticamente os fundamentos que sustentam cada prática educativa, integrando os avanços científicos às necessidades concretas das crianças e da escola. Assim, a alfabetização baseada em evidências representa não o encerramento de um debate histórico, mas a consolidação de uma nova postura científica, comprometida com a formação docente, com a aprendizagem e com o direito de todas as crianças ao pleno desenvolvimento da leitura e da escrita.

Em última análise, alfabetizar é transformar evidências científicas em oportunidades reais de aprendizagem, por meio de uma prática pedagógica intencional, fundamentada e comprometida com o desenvolvimento integral de cada criança.

- **REFERÊNCIAS**

- ADAMS, Marilyn Jager. *Beginning to Read: Thinking and Learning about Print*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.
- ALEGRÍA, Jesús. Por un enfoque psicolingüístico del aprendizaje de la lectura y sus dificultades. *Infancia y Aprendizaje*, Madrid, n. 29, p. 79-94, 1985.
- BRADLEY, Lynette; BRYANT, Peter E. Categorizing sounds and learning to read: a causal connection. *Nature*, London, v. 301, p. 419-421, 1983.
- BRASLAVSKY, Berta. ¿Qué se entiende por alfabetización? *Lectura y Vida*, Buenos Aires, v. 24, n. 2, 2003.
- BRU, Marc. *Métodos de pedagogia*. São Paulo: Ática, 2008.
- BUCHWEITZ, Augusto; MOTA, Mailce Borges; LENT, Roberto (org.). *Ciência para educação: uma ponte entre dois mundos*. São Paulo: Atheneu, 2017.
- CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. *Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica*. 5. ed. São Paulo: Memnon, 2007.
- CAPOVILLA, Fernando C.; SEABRA, Alessandra G. *Alfabetização: método fônico*. 5. ed. São Paulo: Memnon, 2010.
- CASTLES, Anne; RASTLE, Kathleen; NATION, Kate. Ending the Reading Wars: Reading Acquisition From Novice to Expert. *Psychological Science in the Public Interest*, Thousand Oaks, v. 19, n. 1, p. 5-51, 2018.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.
- EHRI, Linnea C. Learning to Read Words: Theory, Findings, and Issues. *Scientific Studies of Reading*, v. 9, n. 2, p. 167-188, 2005.
- EHRI, Linnea C. et al. Phonemic Awareness Instruction Helps Children Learn to Read: Evidence From the National Reading Panel's Meta-analysis. *Reading Research Quarterly*, Newark, v. 36, n. 3, p. 250-287, 2001.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GOSWAMI, Usha; BRYANT, Peter. *Phonological Skills and Learning to Read*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990.
- KOLINSKY, Régine; MORAIS, José. As bases cognitivas e neurais da aprendizagem da leitura. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 17, n. 33, 2019.

- LENT, Roberto. O cérebro aprendiz: neuroplasticidade e educação. Rio de Janeiro: Atheneu, 2019.
- LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia (org.). Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.
- MELLO FRANCATTO, Roberta. La alfabetización escolar en alumnos brasileños de 6 años: el espacio físico, metodológico y la formación de profesores. 2013. Tese (Doctorado en Ciencias de la Educación) – Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina, 2013.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Os sentidos da alfabetização: São Paulo (1876-1994). São Paulo: UNESP, 2000.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A querela dos métodos de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, São Paulo, n. 3, p. 91-114, 2008.
- NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT. Report of the National Reading Panel: Teaching Children to Read. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2000.
- PADILLA DE ZERDÁN, Consuelo. Lectura y escritura: adquisición y proyecciones pedagógicas. Tucumán: INSIL, 1997.
- SEABRA, Alessandra G.; CAPOVILLA, Fernando C. Alfabetização: método fônico. 5. ed. São Paulo: Memnon, 2010.
- SEIDENBERG, Mark S. Language at the Speed of Sight: How We Read, Why So Many Can't, and What Can Be Done About It. New York: Basic Books, 2017.
- SHARE, David L.; STANOVICH, Keith E. Cognitive Processes in Early Reading Development: Accommodating Individual Differences Into a Model of Acquisition. Issues in Education, v. 1, p. 1-57, 1995.
- SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles (org.). The Science of Reading: A Handbook. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- TREIMAN, Rebecca. Phonological Awareness and Its Role in Learning to Read and Spell. In: SAWYER, Diane J.; FOX, Barbara J. (org.). Phonological Awareness in Reading: The Evolution of Current Perspectives. New York: Springer-Verlag, 1991. p. 159-189.
- WAGNER, Richard K.; TORGESEN, Joseph K. The Nature of Phonological Processing and Its Causal Role in the Acquisition of Reading Skills. Psychological Bulletin, Washington, v. 101, n. 2, p. 192-212, 1987.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 1999.

WOLF, Maryanne. O cérebro leitor. São Paulo: Contexto, 2024.

ZIEGLER, Johannes C.; GOSWAMI, Usha. Reading Acquisition, Developmental Dyslexia and Skilled Reading Across Languages: A Psycholinguistic Grain Size Theory. Psychological Bulletin, Washington, v. 131, n. 1, p. 3-29, 2005.